



Gaiato

17 DE DEZEMBRO DE 1966
ANO XXIII — N.º 594 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA * FUNDADOR: Padre Américo * VALÉS DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS * COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



O prédio das oficinas da Casa do Gaiato de Benguela, quase pronto — e adaptado ao clima tropical.

Filhos ilegítimos?

Supunhamos que era aceitável a classificação... Ilegítimo é o que não é, ou está, conforme a lei. E, realmente, de lei, certa com a LEI, é que todo o homem que vem ao mundo, nasce numa Família constituída com as características de estabilidade que só o casamento pode dar. Que o filho, quan-

do atingir consciência, não tenha que aprender de outro senão o seu pai o amor com que há-de amar a mãe; nem de outra, senão ela, o amor com que há-de amar o pai. Assim, o filho, fruto de uma união, será também fator da unidade do lar. E há um aperfeiçoamento sucessivo operado por esta circulação do amor que nasce do sangue em todos aqueles que se amam sem divisões no amor.

A Deus apraz que sempre assim seja; mas aos homens, por fraqueza ou malícia, nem sempre... E assim, muitos homens nascem fora deste contexto humano que é a Família legalmente constituída — nascem fora da lei. Fora da lei — é, com efeito, um dos modos de não ser, ou estar, conforme à lei. Suponho fora de dúvidas que, mesmo na hipótese de admitir a designação de ilegítimo para um filho, a perspectiva do classificador será esta e não a de que ele é, ou está, contra a lei — outra modalidade de não lhe ser, ou estar, conforme.

Ora se um homem nasce fora da lei e não é contra ela, a verdade é que não a tem por si. Todas as presunções favoráveis de que beneficiam os filhos legítimos, se não aplicam àquele homem que assim nasceu. Os direitos de que os

Continua na terceira página

A História da Salvação é um ramo de hipérbole que do Infinito desce até aos homens, para subir com eles ao Infinito. O outro ramo é imagem que mergulha no Abismo profundo, no infinito de Trevas — é a curva da Condenação.

Está escrito: «Todo aquele que se humilha será exaltado. Todo o que se exalta será humilhado». E também: «Todo aquele que ama a sua vida, perdê-la-á. To-

do o que despreza a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a Vida Eterna». E ainda: «Quem ama o pai ou a mãe, o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim. Quem não toma a sua cruz para seguir após Mim, não é digno de Mim».

NATAL

do o que despreza a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a Vida Eterna». E ainda: «Quem ama o pai ou a mãe, o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim. Quem não toma a sua cruz para seguir após Mim, não é digno de Mim».

O segmento descendente do ramo da salvação é o Mistério da Misericórdia; é o Sinal do tão excessivo amor aos homens que levou Deus a dar-lhes o Seu Filho como Irmão.

NATAL

«Tudo pelo aspecto como homem, abaixou-se ainda mais, obediente até à morte, e morte de Cruz».

O terceiro acto é a restituição da dignidade divina que Cristo não reivindicou, nem os homens deram mostras de notar. «Por

isso mesmo, Deus O exaltou e Lhe deu o Nome que sobreleva a todo o nome, para que, ao Nome de Jesus, todo o joelho se dobre nos Céus, na Terra e nos Infernos e toda a língua

Continua na página dois

★ BELEM ★

Vem aí o Natal de Cristo e com ele os oito anos de Belém. E que oito anos! Deles muito haveria a recordar, se a hora fôsse de recordar. Mas não, que o Presente enche bem todo o nosso tempo de preocupações e trabalhos.

Os que de fora observam acham que já muito se fez e que são muitos os progressos da Obra.

Porém, quem está dentro e mergulha até à raiz dos seus problemas, vê bem que pouco está feito e que o futuro se apresenta cheio de dificuldades.

O triste, triste, é que, passados já oito anos, seja ainda só eu a vê-la, assim, por dentro... É triste e é esmagador.

Mas, seja o que Deus quiser! A Este toda a glória! Se cada um de nós fôsse, em Suas Mãos Divinas, instrumento necessário ao levantamento deste Presépio Vivo que é Belém... Deste e doutros, espalhados em profusão pelas encruzilhadas do Mundo...

Só assim poderemos merecer aquela verdadeira Paz, anunciada pelos Anjos na hora bendita do nascimento de Jesus:

«Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos Homens de boa vontade».

Inês — Belém — Viseu

Não tenho escrito pró jornal. Não tenho sido capaz. A vida tem-me subjugado de tal maneira que se não fôra o ideal que me devora, e Aquele a Quem sirvo, teria já deixado cair os braços.

Não é o muito que há a fazer. Não é a multidão de aflições que me dilaceram, nem tão pouco a dificuldade em prosseguir. É o desinteresse na colaboração. Qual é a força pública com que podemos contar como apoio à nossa porta aberta?

Vem o vadiozito. Tem oito, nove, dez ou 11 anos. É um estorvo. Um pedinte. Suja as ruas e faz má propaganda ao turismo. A Casa do Gaiato abre as portas. O ambiente é de alegria. Há verdade. Contacto com a na-

SETUBAL

tureza. Nada é forçado. Tudo caminha para o bem. A escola está à mão. Durante o dia cinco horas de aula. Professoras interessadas e sacrificadas. Tudo. Vem os quinze e os dezasseis

anos. O estado do espírito do antigo farrapão é diferente. Está um homenzinho. Dentro de si pululam anseios. A semente que o pôs no mundo, geralmente é má. Um mundo de problemas irrompe dentro de si. Nós queríamos que a sua inteligência continuasse a desenvolver-se. As oficinas estão a montar-se. Não podemos continuar com homens de 4.ª classe. Temos possibilidades. Aulas nocturnas na Escola Técnica. Mas a tentação da Rua?... As revistas pornográficas e as terrivelmente corrosivas ao alcance de toda a gente? E o ambiente de descontrolo e de inversão de valores que se respira?

Continua na terceira página

Respostas ao postal-aviso

«A luz não se quer debaixo do alqueire» — é o pensamento que emerge na avalanche de pedidos de livros de Pai Américo.

E as cartas dos nossos leitores! São testemunhos vibrantes! Quando a alma se exprime, até os erros de gramática, se os houver, valorizam o sentido. Pois não há melhor gramática, nem melhor ortografia que a verdadeira e autêntica expressão do que somos e vivemos.

Reparem no fogo desta velha Amiga de Lisboa:

«Só pela leitura do vosso jornal, O Gaiato, eu dou graças a Deus por ter nascido! tal a maravilha, e o bem que Ele, (com letra grande) me tem feito! o que fará quando eu ler os maravilhosos vossos, tão falados livros! e que estou ansiosa de cunhejar, e dar a cunhejar, a pessoas amigas, a quem também quero oferecer; assim, duma agentãta, faço bem a vós, e faço bem, a quem eu os oferecer, pois as melhores ofertas são sempre os bons livros, e são Eles os nossos melhores amigos que nunca nos falsseião!

Demurei a responder-vos ao vosso Postal Aviso, por estarmos ambos doentes, por motivos de saúde e assim de furçadas despesas, que não me deixá-vos enviar-vos os ditos pedidos dos vossos maravilhosos livros! mas com o passar de tanto tempo, receio ficar sem eles, e então aqui vos envio os meus pedidos, que é 4 de cada um deles, como vê-em no P. aviso».

A gente vibra com o entusiasmo dos leitores! As horas de correio — já o temos dito e repetido — são horas que delectam. Senão, prôquê botem os olhos para mais esta presença que fumeja. É de Soure. Presença fresquinha, pois chegou na mala d'hoje:

«Desculpem só hoje dar sinal da minha presença, mas afazeres profissionais e alguma preguiça, confesso, foram a causa.

Estou a ler o livro do saudíssimo Padre Américo. Como é diferente a sua linguagem, quando narra as vicissitudes do nosso irmão pobre. No «Pão dos Pobres» existe o Evangelho tal qual foi pregado por Nosso Senhor Jesus Cristo. As suas páginas são feridas que sangram e que nos obriga a fazer exame de consciência. Sim, não só os ricos são culpados, mas também os menos pobres. Pobres, haverá sempre — é dos Evangelhos, mas miseráveis é autêntica afronta a Nosso Senhor!

Como me sinto triste por, de certo modo, contribuir com a minha passividade para essa situação.

É fácil criticar os outros; é mais difícil, porém, dar testemunho vivo: mostrar por acções que sentimos na carne o infortúnio do nosso Irmão mais desfavore-

cido. Quantos «casos» não poderiam ser resolvidos por nós com um bocadinho de espírito cristão. Por tudo isto, reconheço a minha culpa e oxalá que o bem-aventurado Pai Américo seja o meu Advogado junto do Altíssimo, para, na medida das minhas possibilidades (fracas, é certo) atenuar o martírio do meu semelhante. Quantas vezes, vontade desperta para a prática do bem é desviada por excessiva «amizade» às coisas terrenas!

da NOSSA EDITORIAL

Eu sou um modesto funcionário, casado e pai de duas meninas. Uma com 15 anos, a frequentar o 5.º ano liceal; e outra com 13, no 3.º ano do mesmo Ensino. As despesas aumentam desproporcionalmente às receitas e, portanto, com poucas possibilidades. Isto, porém, não invalida a tese expandida nem mingua a minha culpa, o meu grande pecado: não ver no Pobre o meu Irmão em Cristo!

Nosso Senhor permita que os meus propósitos se mantenham firmes. Preciso para tal desideratum, das vossas orações. Sou grande pecador, e, conquanto seja crente, a minha Fé nem sempre tem a força necessária para vencer as tibiezas da carne. Tantos momentos de desânimo, por me sentir impotente para esmagar Satan, presente em tantas ocasiões da minha vida.

Eu creio em Deus, mas preciso tanto da Sua ajuda. Num grito confiante direi: eu creio em Deus, mas aumentai a minha Fé. Sem essa graça nada poderei fazer.

Junto um vale para pagamento dos 3 livros «Pão dos Pobres». Não sei se chegará. Se não for

suficiente, uma palavrinha bastará. Perdoai não poder mandar mais por enquanto».

Ó carta! Ó cartas!!

Poderíamos ficar por aqui. Mas, em complemento desta de Soure e daquela de Lisboa, aí vai um cartão singelo, da assinante 10575:

«Gostava muito que me enviassem um dos livros do Pai Américo, pois preciso muito que em minha casa se medite na doutrina da Caridade e do Amor.

Dizer-lhe o que sinto quando leio o «Famoso» «de fio a pavio» é impossível!

Sinto mais do que sou capaz de exprimir por palavras».

Continua a não vir dia ao mundo sem respostas ao postal-aviso!! E para que as remessas não tardem — pelo muito serviço em nossas oficinas — achei por bem aviá-las até por minha mão. Assim, o calor não arrefece. E pode difundir-se ainda mais e abrasar muitas almas, como vai fazer — e muito bem — aquela nossa Amiga de Lisboa.

Saibam, no entanto, senhoras e senhores que, só no correio d'hoje, seguem mais 10 livros para vários pontos do país. É todos os dias uma conta mais ou menos assim. E como ainda há muita gente, entre os 50.000 leitores do «Famoso», que, presos à sua vida, pouco tempo dispõem para responder ao nosso postalzinho, aqui vai mais um incentivo para que despertem e sigam as pisadas de tantos outros que, maravilhados, explodem de entusiasmo e, até, delicadamente, pedem desculpa do atraso. Ó simpatia!

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

Aí vai mais um vasto rol, do que nos dão os nossos amigos:

De «Uma alma saudosa», 50\$. Em cumprimento duma promessa, 250\$. De Cabeceiras de Basto, 26\$. S. João da Madeira com 220\$. Promessa por aumento de ordenado, 1.100\$. Assinante de Rio Tinto, que anualmente nos visita, com 500\$. D. Candemil, 20\$. Duas ofertas da Casa da Portela. Ilhavo com 100\$. M. H. também com 100\$. Promessa de uma Mãe, cujo filho regressou da fatídica guerra na Guiné, 300\$. Da Comissão Organizadora da Homenagem ao Senhor Engenheiro Armando da Palma Carlos, saldo do banquete de homenagem, 9.923\$20. Bem hajam pela lembrança.

Duas caixas de óptimas camisas, de Lisboa, 40\$ do ass. 21.219. De Coimbra, «Um casal vosso amigo», com 500\$ e a alegria da sua presença. «Os Amigos de S. Brás», do Porto, com 50\$. Em cumprimento dum voto, 20\$. Da Invicta, anónimo com 5.000\$. «Amiga da Obra» com os 200\$ mensais. De um Senhor de Ovar, 580\$. Ainda desta encantadora vila, 1.500\$ entregues com a frase: «ganho honestamente». De uma enfermeira do Hospital de S. João, 50\$. «Por alma de Manuel», 100\$. Duma promessa A. A. envia 100\$. De «Uma Mãe», 20\$. Da ass. 19.127, um cheque de 4.000\$.

Anónima M. L. com 50\$. De promessas 200\$, 50\$, 100\$, 50\$ e 20\$. Do Porto, 50\$. Lisboa-5 com 200\$. Vale de 50\$. Mais roupas de Gondomar, Lisboa e de Newark, 322 N. York Ave. Medicamentos da Beira Alta, 50\$ de Lisboa. O mesmo do Porto, Castelo de Paiva com 1.778\$00. Da ass. 32.691, 50\$. De Ilhavo,

20\$. Da Curia, 100\$. Mais 20\$ do Porto. E pró Barredo, 50\$. Dum primeiro ordenado, 100\$. Os «ostimados 20\$ de E. D. M. Anónima com 100\$. Do arrais da bateira «Padre Américo e sua companha», um vale de 115\$80, produto duma subscrição feita durante a pesca do sável no Rio Douro.

300\$ de uma promessa, feita por uma professora primária, De Linda-a-Vella, 20\$ para os nossos Pobres, 50\$ de Lisboa. Cumprimentos de muita amizade e 50\$, da Foz do Douro. Cortes de fazenda de uma anónima, entregues por um Senhor do Porto. Do Grupo excursionista «Está bem assim», 102\$50. Maria com 150\$. Promessa de 1.000\$. C. S. com 500\$. Do Porto, 40\$, parte dum prémio que saiu na lotaria. De malheiro existente na Fábrica de Malhas Marão, 550\$. E roupas e selos usados, entregues na mesma ocasião.

Mais o primeiro ordenado de «uma professora primária», que nos trouxe 1.500\$. De «uma amargurada pelo dia 22», 50\$. Anónima com 745\$10. José António com 50\$. Do primeiro ordenado do filho que oferece por alma de sua Mãe, 60\$. De Penedono, vale de 257\$. Algés com 100\$. Mais 50\$ da Amadora, Lisboa com 100\$. De quem pede pela cristianização do seu lar, 120\$. Mais um grupo excursionista, «Os Pombos de Chaimites», do Porto, 60\$. De Luanda, uma promessa cumprida trouxe-nos 3.000\$. Mais donativos de 20\$, 50\$, 50\$, 150\$, 100\$ e 200\$.

Dez contos da Foz do Douro, 500\$ de Lisboa. Vale de 325\$. Do Porto 50\$. «Uma amiga da Obra» com 200\$. Por alma de Manuel, 100\$+50\$. Espinho com 500\$. Outra vez a marcar presença «uma amargurada pelo dia 22», 50\$+50\$. 25 lindas camisolas da Senhora das ditas. Esta Senhora todos os anos aparece nesta altura. De algures 6 maços de cartas de jogar. Mais um fato, da ass. 21238 De Viseu, do sobrevivente do casal R. D., duas presenças de 50\$. António não falta nunca, e cá vai com o óbulo de sempre. Mais 100\$ de Leiria. Professora primária de Famalicão, envia a migalhinha do ano lectivo findo. E duma criada de servir, que muito ama a nossa Obra, 100\$.

Universitária portuense com 50\$. Migalhas entregues pelos Tarcísios do Porto, na sua última visita, somaram 265\$60. M. L. com 50\$. Assin. 25209 com 20\$. De Alhandra 50\$. Por intermédio da Ideal Rádio, 100\$+50\$. «Para o mais pobre dos Pobres», 220\$ e 250\$. Valongo com 500\$. Tecidos de Cadaval. Encomendas de roupas de C. M. Ferreira, de Sintra. Mais vestuário de Torres Novas. Cortes de pano e flanelas, muito bons, de Bairro — Minho II, de quem aparece todos os anos e «recordando o dia 6-11-931». Do Quiosque Tivoli, 200\$ e roupa. Mais 100\$ de Aveiro,

Natal

confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai». Pela Ressurreição, Cristo volta ao vértice da hipérbole, mas não já «tido como homem» pelos homens. É o «Enviado» durante muitos séculos esperado, reconhecido como tal. É o Messias que veio e que vai... rasgando no Seu regresso ao Infinito a trajectória por que hão-de ir, no seu dia — dia de natal — todos aqueles que «tiverem entre si os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus».

Tudo o que na História da Salvação é abaixamento, é fru-

Continuação da página UM

to da Misericórdia, é acção de Deus. Tudo o que sobe é o Mistério da Justiça. Começa em Cristo ressuscitado (Por isso «sem Ressurreição não teria fundamento a nossa Fé») — o homem reconhecido como Deus; Deus abrindo aos homens o caminho que conduz ao Fim de cada homem; prometendo acompanhá-los ao longo da jornada até ao Infinito.

Para o homem, a Justiça é a fecundação pela Misericórdia do que há de hom em si. Nunca o segmento ascensional da hipérbole seria sem o que desce. Primeiro é o amor de Deus aos homens; depois a aceitação colaborante a este amor pelos homens. E começa em cada um a Salvação — iniciativa de Deus a realizar

pelos homens acompanhados por Cristo, seguindo de perto a Cristo, Mestre, Verdade, Caminho e Vida.

Se a semente cai à terra e não morre...!

Que os homens não esqueçam nas fáceis alegrias do Natal a Aliança da morte e da Vida. Sem a morte de Cristo teria havido aquele Natal; mais nenhum! Mil novecentos e sessenta e sete anos depois o Natal é, porque Cristo «Se abaixou, obediente até à morte, e morte de Cruz! Por isso Deus O exaltou...» e exaltará todos os que adquirirem a Sabedoria do abaixamento e o aceitarem conscientes.

Gratuita é a Salvação! Mas o preço da comparticipação na glória de Deus Pai é a compaixão na obediência do Seu Cristo.



Continuação da PRIMEIRA pág.

Uma tentação terrível tem invadido a consciência de uma série de rapazes. E o caminho é sempre o mesmo: a rua. Com que força podemos contar para os reaver?... Um rapaz de 15, 16 ou mesmo até de 18 anos está em condições de se orientar por si? Ou o ambiente que o desequilibrou, em pequenino, agora não o desequilibra mais?

Aqui nasce a minha incapacidade de escrever e a dor que me amargura. Onde está a lei que nos pode ajudar e que os pode proteger? Onde a autoridade que compreende?

Duas Senhoras amigas desde a primeira hora, resolveram dar uma volta pelas sapatarias de Setúbal e pedir um par ou dois de calçado para os nossos rapazes e acabar com o pé descalço durante o inverno nas nossas Casas. Espero que os comerciantes do dito negócio se não coloquem mal. Até à data quase nada veio.

Uma nota alegre. O autor de «A Crónica da Semana» no jornal «O Setubalense», referiu-se

50\$ de Minas da Panasqueira. Pessoa amiga do Coliseu do Porto, com 50\$, que achados não foram reclamados. E lembrou-se de nós, este amigo!

«Com toda a amizade do vosso casal de noivos, agora já casados» lembrança de 120\$. Vale de 100\$ da assin. 33745. Da Sociedade de Cristais, 100\$. Marina com 100\$. Uma bola de borracha para um vendedor, de Coimbra. Roupas, remédios e calçado de Lisboa-2. Anónima com 50\$. Um dollar do Canadá com a significativa legenda: «Obra de Deus, para os Pobres». Palmira Pinto com 100\$. Almada com 40\$. Ass. 19193 com 100\$. Um sobretudo de Caldas da Rainha. Gravatas do Porto. Mais delas de não sei donde. S. Mamede de Infesta com 20\$. Mesmo longe (Paris), não nos esquece a assin. 21454, que nos enviou cheque de 100 francos.

A habitual presença e sempre silenciosa da R. da Madalena. São 20\$ em todos os meses. Do Porto, 100\$. Mais 100\$ de Lisboa-1, de quem aparece mensalmente. Promessas de 250\$, 100\$, 700\$, 20\$, 20\$, 50\$, 50\$, 50\$, 200\$, 50\$, 150\$ e 250\$. Selos usados de Coimbra e Porto. Cá vai o Sr. Manuel da R. da Corticeira, com 40\$+20\$. Do Grupo Excursionista «Vai e Vem», 80\$. Do Porto, 40\$. Portuense Maria com 400\$. «Aproximando-se a quadra do Natal, aí vai em sua comemoração», 500\$. De uma pecadora, 50\$. Roupas usadas e riscado e 100\$, de Lisboa. Mais roupas de Coimbra. Mais uma

AQUI, LISBOA!

EM «O Gaiato» de 18 de Junho último dissemos «ter chegado a hora de lançar a público a grande campanha de aquisição de fundos para levar avante o empreendimento da construção da Aldeia...» Estávamos em plenas férias, pelo que não esperávamos grandes sucessos, aparte a presença continuada e firme de Amigos sempre atentos às nossas necessidades e anseios. Se a previsão não falhou, por graça de Deus, também não se esvaiu o entusiasmo que, desde a primeira hora, colocámos para a consecução do objectivo em vista, isto é, termos ao dispor dos Rapazes as condições materiais mínimas para trilharmos os caminhos de Pai Américo. Por isso, no último jornal de 1966, voltámos à carga, conscientes da grandeza da tarefa encetada e certos da audiência que, na Família de fora, produzirão as aspirações da Família de dentro, irmanados todos em realizar algo que nos transcenda, por amor dos Homens e de Deus. E não achamos altura mais oportuna do que a que se aproxima para expor as nossas ideias, quando se vai comemorar o nascimento do Deus-Menino. O gaco está vazio, os trabalhos das pocilgas e os caboucos

dos aviários consomem-nos os últimos cobres e, se não tivéssemos Fé, teríamos, com certeza, perspectivas de desânimo. Como acreditamos, porém, aqui deixamos expresso, ao lado dos melhores votos de Boas-Festas, um sentido muito obrigado pelas ajudas que nos vão remeter. E as obras continuam...

QUEREMOS contar dois episódios bem recentes, que ajudarão a compreender o teor da nossa vida íntima.

O primeiro episódio, como aliás o segundo, conta-se em duas penadas. Era Domingo. Depois da Missa da Comunidade, uma forte dor de dentes levou-nos ao quarto, em busca de alívio. Despimo-nos e eis que o «Carequita», de 12 anos, acompanhado de visitantes, entra pelo quarto dentro e com o «Senhor Director» à vontade — perdoem-nos a fidelidade — exclama: «estão aqui estas Senhoras para falar com o Senhor Padre». O ridículo da situação até nos fez passar o sofrimento e é caso para dizer que há males que vêm por bem...

A segunda história teve como interveniente o Carlinhos. Nos seus quatro anos buliçosos, marcados pela assistência ao assassinio da mãe pelo próprio pai, dirige-se-nos muito sério e pergunta: «Porque é que o Senhor Padre é careca?» Entre surpresos e sorridentes respondemos: «Olha, filho, porque caiu o cabelo». A verdade, às vezes, vem-nos pelos inocentes...

Aqui não há afectações que escondam o nosso viver. Por isso as visitas são desejadas, para que surpreendam o que é natural. As coisas preparadas cheiram a falso. Não escondemos os nossos defeitos e até desejamos que nos ajudem a encontrá-los, para, tanto quanto possível, lhes darmos remédio.

JÁ aqui fizemos o pedido de sapatos para crianças entre os 4 e os 12 anos. É um problema terrível o de calçar tanta gente como a que habita uma Casa destas. Não se zanguem, pois, em recordar o já dito e até pode ser que haja ensejo de dar utilidade ao já considerado inútil e a mais.

Padre Luiz

às nossas eleições em termos de quem conhece o que é uma Casa do Gaiato. Sentimo-nos ajudados. Necessitamos de que alguém em condições de informar a opinião pública com conhecimento da nossa vida, e fora das nossas portas, o faça.

Padre Acílio

Filhos ilegítimos?

legítimos gozam espontaneamente, sem qualquer esforço da sua parte para os fazer valer — terão de ser conquistados, às vezes, com quanto sofrimento, pelos chamados ilegítimos e ainda assim nem sempre a tomada de posição responde perfeitamente aos seus legítimos anseios de homem «digno de todo o respeito e protecção, visto não ser menos que uma pessoa humana, com toda a dignidade e com a vocação para fins superiores, que a caracterizam».

Parece, pois, que justo, racional e salutar seria que a lei não cometesse pecados de omissão relativamente aos que, nascendo fora dela, não são de modo algum contra ela, não merecendo, portanto, que ela seja contra eles, o que acontece, praticamente, na medida em que não é por eles.

Regulamentar o bem dos homens na sociedade que eles constituem é dever da lei. Para quê gastar-se na definição dos direitos normalmente não contestados? Não lhe pertencerá, antes, definir os direitos dos mais fracos — definir e defendê-los?!

Ora os filhos que a lei chama legítimos, gozam, segundo o legislador, d'aquelles estímulos naturais que, muito acima da acção das leis ou do bem-estar económico, inspiram nos pais legítimos a dedicação e o sacrifício, necessários à defesa

Continuação da PRIMEIRA pág.

da prole». E o contrário o mesmo legislador o afirma dos a quem chama ilegítimos: «Que é intensa, do ponto de vista moral e social, a diferença que separa a filiação ilegítima da legítima, aí estão a prová-lo os impressionantes números fornecidos pelas estatísticas, a respeito da mortalidade de ilegítimos, da mortalidade infantil destes, da mortalidade das mães ilegítimas, da delinquência infantil, etc., para não falar já na intensidade com que os filhos ilegítimos concorrem para formar falanges de indivíduos reprováveis, que passam quotidianamente pelos tribunais».

Se assim é, e estes são «falanges», — o que faz a lei para evitar que sejam?

— Pouco menos do que nada!... Chama-lhes ilegítimos e deixa à solta, impunes, irresponsabilizados, talvez bem conceituados cidadãos das nossas praças, benemerentes procriadores numa Pátria a quem fica cara esta «falange de indivíduos reprováveis» a ocupar-lhe os Tribunais, os

delinquentes infantis, para cuja abundância os Refúgios e Reformatórios e as Instituições particulares são gota de água perante um mar de necessidades urgentes.

E o legislador prossegue de uma maneira «espantosamente» ilógica: «O mal reside fundamentalmente, na realidade, no vício de que enferma a própria filiação, no vício de que são inquinadas as relações dos filhos ilegítimos com os pais e destes entre si...»

Mas o vício será da filiação ou da geração?! Como se já fôra pouco o muito de que os chamados ilegítimos são vítimas, — ainda por cima será a filiação que é viciosa?

Pois se «o mal reside fundamentalmente, na realidade, no vício...», que cuide a lei de procurar e de prender mais curto os viciosos, para que havendo menos liberdade de vício, haja menos mal!

Visado pela
Comissão de Censura



OUTRA QUEIXA

Não sabemos se simplesmente por fraqueza humana, se por debilidade de organização ou carência de pessoal, quase sempre que abordamos a Autoridade na prevenção dos males que ameaçam atingir os que ainda não sabem defender-se, encontramos-a em atitude de cegueira, «procurando saeurir a água do seu capote», duvidosa sobre se não competirá a outrém o direito (direito, aqui, é eufemismo de dever!) de intervir... E num vai-vem escusado se perde uma primeira parte de tempo, a que se seguirá a longa demora do tratar das coisas «pelos vias competentes». É um gasto de tempo, é um desperdício de energias — é o prejuízo de crianças, valor com que se joga como se fosse uma bola.

Temos tido casos de raptos e tentativas de tal por familiares incompetentes que vêm pelos rapazes num acesso de sentimentalismo «galopante», ou na intenção mais baixa de os explorar. O nosso dever de consciência é defendê-los; lutar pelos que algum dia nos foram entregues como sendo de ninguém e tomámos como nossos.

Nós somos uma palavra nova — disse-o Pai Américo há muitos anos. Infelizmente parece que continuamos a sê-lo. Parece haver ainda muita gente que nos confunde com um Estabelecimento de Assistência — e nós somos uma Casa: Família para os que não têm (e melhor fôra não terem os restos que às vezes há!). Se o fôramos, a nossa vida pendulava entre um que vai e um que vem, satisfeitos, talvez, por darmos mais um sim a tantos que esperam longamente por chamada... Não somos assim. Cada rapaz que viveu longamente sob os nossos tetos, fica sempre, mesmo quando sai capaz de sair. É uma saudade que permanece, um laço que se não desatou — e, para consolação nossa, frequentemente este sentimento é bi-lateral.

Ora quando acontece uma intromissão do sangue, injusta e inconveniente para um rapaz, que cansa, que espera nos não dá a sua defesa!

Tribunais de Menores há-os só nas três cidades principais. Nas restantes comarcas, o Delegado funciona como Juiz de Menores. Mas o pobre é «pau para tanta colher», quando não está mesmo, a maioria das vezes, imprevisto para tão específica e delicada missão, que o processo arrasta-se — e

compreendemos mesmo que ele lhe fuja sempre que pode.

Mas os próprios Tribunais de Menores, cujos processos são tão diferentes dos outros Tribunais (e não o são tanto quanto era necessário!), enredam-se também nas malhas de uma lei complicada, feita por quem nunca viveu as suas aplicações — e é um castigo antes que atem ou desatem!

Nos casos de menores e perante o conhecimento genérico da perversão que campeia entre a juventude, por iniciativa ou negligência das gerações adultas, os processos deviam ser muito mais sumários e havia de fazer-se fé pronta na palavra de quem se consagrou por amor de Deus a cuidar dos filhos de ninguém.

Pois não senhor. Sem todas as voltinhas das «vias competentes», as soluções não são dadas à luz. Eu sei do que isto custa a muita gente dos próprios Tribunais, que poderia ditar leis a quem lhas dita, porque se gastam mexendo em casos vivos — e têm de estorlar na obediência a um articulado desarticulado da vida. Como eu tenho pena deles! Já os tenho procurado para lhes desabafar as minhas penas

como aos causadores delas — e acabamos abraçados no mesmo sentir e no mesmo sofrer.

Um caso: O nosso «Pega». Tem 10 anos franzinos. Na 4.ª classe era o único de quem no início do ano lectivo os professores pensavam já com certeza para o exame de admissão ao Liceu. Ele é transmontano. Filho de um homem de 80 anos e de uma mulher de 23, que fugiu com outro homem.

A Avó materna veio ou mandou buscá-lo. Levaram-no como a um cacho de uvas, sem pedir nem dar satisfação a ninguém. O Pai quer que ele venha. A Avó que não. Mandou pedir os documentos. Como lhos não mandássemos, pediu ao Pároco que os pedisse. Este assim fez, mas informou que a Avó tinha dito que o pequeno fazia este ano a 4.ª classe e depois já podia ganhar. A Avó é mal vista. O Pai, talvez pela idade, senão por outras carências, incapaz de fazer valer junto dela a sua autoridade de Pai. E o «Pega» lá anda, passados mais de dois meses desde que levantámos processo em Tribunal.

Quem salva o «Pega»? Quem salva muitos «Pegas» desta e das outras Casas do Gaiato?!

CALVÁRIO

* Estamos no tempo em que se respira já Natal! Quando é chegada a grande festa da Família há algo de novo nas conversas e também a preocupação dominante de conjugar esforços no sentido de tornar a consoadade um autêntico testemunho de fraternidade.

Na verdade só quem for demasiado individualista ou então de coração demasiado duro lhe poderá parecer simples tradição. Não o creio! E mesmo que em certos casos o seja, no fundo do seu sentir haverá o tal sentimento... de caridade.

Nesta altura procura-se dar maior cunho de fraternidade. Pois sabemos que estamos aqui dos mais variados recantos de Portugal Continental, Insular e Ultramarino...

Ora nós também queremos ter uma consoadade... Para tal efeito pedimos que este apelo chegue às mãos de quem nos queira ajudar a concretizar o nosso desejo. Pedimos bacalhau! É verdade: é uma coisa que vinha mesmo a calhar! Quem levanta uns quitetes... para cento e tal pessoas?

Confiamos em ti... não nos deixes sem ele!! Começamos nós também a tentar entrar no significado desta celebração. Sim porque transcende em muito tudo o que sabemos.

Será dupla alegria para todos nós se o soubermos compreender para melhor o festejar!

Não esqueças, bom amigo, o meu recado... Desde já te agradeço em nome dos meus e teus irmãos doentes...

... e, também aproveitamos o ensejo para desejar a todos os leitores e familiares Santas e Alegres Festas do Natal. E que o Deus Menino traga no ano de 1967 tudo o que for de bom e útil para a salvação de todos!

Manuel Simões

PELAS CASAS DO GAIATO

MALANJE

* Estimados leitores: Se esta crónica não estiver do vosso agrado não vos admireis pois é a primeira vez que escrevo para o «Famoso».

Eu estou aproximadamente há três anos nesta nossa Obra, não só dos que vivem dela, mas sim de todos os que vivem na terra.

* OBRAS. As escolas estão prontas. A capela está quase. O Senhor Padre Telmo sem saber onde ir buscar o dinheiro. Um, dois, três... peditórios e lá anda ele sem descanso para trás e para a frente para dar abrigo aos que precisarem desta Obra. Podeis já começar a mandar material para mais casas. Um tijolo... um saco de cimento... uma lata de tinta!... Ai a tinta! Precisamos tanto dela para a nossa capela que é mesmo um encanto. Tudo ajuda.

* DESPORTO. Lá nos vamos safando. Mas de vez em quando apanhamos cada derrota...! Ainda quem nos vai safando é o Domingos, ou seja o bom cá de casa. Falei-vos do desporto, para vos fazer mais um pedido. Uma bola. Não se esqueçam.

* LAR. Um dos maiores problemas da nossa Obra é arranjar um Lar. Casas grandes para alugar não há e se

existem à venda é de nos pôr o cabelo em pé. Pedimos a uma alma caridosa para quando souber de uma casa vaga grande, com pouco dinheiro de renda, para nos comunicar.

* UM AVISO. Avisam-se os excellentíssimos «meninos-bem» de Malanje que os barcos não são só para durar um mês. Portanto mais cautela!

José Mendonça

MIRANDA DO CORVO

* AZEITONA. Acabou a tarefa da azeitona no primeiro dia de Dezembro. Recolhemos bastante, embora as nossas oliveiras este ano tivessem pouco. Valeu-nos uma Senhora que nos deu toda a que tinha e a Câmara também nos deu a sua. Fizemos ao todo dezasseis moinhos e ainda ficamos com mais de um para curtir. Tivemos 750 litros de azeite. É bem bom.

A apanha da azeitona é sempre uma alegria. Os mais velhos vão para cima das oliveiras deitá-la abaixo. Os mais novos andam no chão a apanhá-la para latas e depois despejam no carro de bois.

É sempre uma algazarra com barulho e cantigas em grupo e ao desafio. Toda a gente gosta da apanha da azeitona, embora esteja sempre frio, pois cá em Casa todos gostam muito de azeite no comer.

Este ano não fizemos festa, quando acabou a tarefa da azeitona, pois nesse dia foi o funeral da filha do nosso Médico, Senhor Doutor Altino, que é uma família muito nossa amiga. Não houve nesse dia filhos, nem algazarra. Será para o ano, se Deus quiser.

* NATAL. Ainda o Natal vem longe e já a malta sonha nele. O João começou com a tarefa dos ensaios. O Natal é a comemoração do nascimento de Jesus em Belém. Por isso temos que começar desde já a prepararmos para O recebermos dignamente no dia 25 de Dezembro.

Ainda não sabemos se teremos algumas prendas. Têm-nos dado muito pouca coisa.

Há dias a Senhora Maria do Rosário, que é a Senhora desta Casa, foi pedir ao Senhor Padre Horácio para ele comprar camisolas de lã, pois as que usamos já estão muito remenda-

Também todas as quintas feiras temos a presença amigável do Sr. P.e Nuno que nos vem ensaiar cânticos da Igreja e cânticos profanos. Nós sabemos o esforço que faz ao vir todas as semanas perder o seu tempo tão precioso que tanta falta faz; por isso aqui fica o nosso muito obrigado ao Sr. Padre Nuno.

* OBRAS. Continuam em progressivo andamento as obras das pocilgas, andamento esse que dispendeu algum esforço por parte de todos os rapazes, que nelas trabalharam para seu bem e de toda a nossa Casa.

* TIPOGRAFIA. Não nos falta trabalho, graças a Deus, mas desde já digo a todos os clientes da nossa Tipografia, que não deixem acabar as suas encomendas. Enviem-nas o mais depressa possível à nossa Tipografia que nós executamos os trabalhos que nos mandarem.

Obrigado pela atenção dispensada e desde já me despeço de todos os leitores, até à próxima oportunidade se Deus quiser.

Joaquim Martins

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

* A CONSOADA DOS POBRES — Em nossa reunião de sábado passado já topámos o assunto. O Natal está à porta!... Mas para não demorar a resolução de outros casos pendentes resolvemos — e muito bem — encarar de frente o problema da Consoadade em reunião só para o efeito, cerca de quinze dias antes do Grande Dia.

No entanto, estamos tão depenados (800\$00 em caixa para vários calotes!) que, se o Senhor não botar a mão vamos ficar mesmo de tanga, com a vultuosa despesa da Consoadade! Ficou porém assente não olhar a dinheiros. Nem perder a Confiança no Senhor. É preciso andar mas é pra frente! Tanto que em uma das próximas missas da paróquia, ao Ofertório, um grupo de vicentinos dará uma volta pelos fiéis. Será um dos Ofertó-



rios mais solenes e mais litúrgicos: os Pobres, nos primeiros tempos da Cristandade, eram o desvelo de todas as comunidades. Há que regressar aos primeiros tempos. E dar ao Pobre o lugar que lhe pertence — até mesmo no Santo Sacrifício.

* O QUE RECEBEMOS — Muito pouco! Será que os nossos leitores estão a reservar-se para a última hora? Cremos que sim. Nós temos muita, muita fé na generosidade dos nossos leitores! Ai vai o que nos chegou às mãos: 40\$00 da assinante 17022. O mesmo da rua 16, Espinho. E metade da «Viúva do Porteiro», que diz:

«Escrevo sempre à pressa, pois são horas de ir para o meu trabalho. Mas não quero deixar de mandar hoje uma ajudazinha para a consoadade dos seus Pobres. E o meu desejo é que atrás da minha pequena ajuda vão muitas grandes, para que se sintam muito contentes por dar aos seus Pobres uma grande Consoadade».

Aqui temos o Óbulo da Viúva! Chegou na hora oportuna. E fará, com certeza, despertar outros muito menos sacrificados.

Por fim, 150\$00 da assinante 31008, de algures.

É tudo!

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOCAMBIQUE